

O ENSINO DA MORTE E DO MORRER NA GRADUAÇÃO MÉDICA BRASILEIRA: ARTIGO DE REVISÃO

THE TEACHING OF DEATH AND DYING IN BRAZILIAN MEDICAL GRADUATION: REVIEW ARTICLE

ALISON PEREIRA DE CAMARGO^{1*}, LETICIA MARCELA FAUNE NUNES¹, VICTOR KENED RAMOS DOS REIS¹, MARIA FERNANDA PIFFER BRESCHILIARE¹, RAFAEL JUN MORIMOTO¹, WEBER ALEXANDRE SOBREIRA MORAES²

1. Acadêmico do 4º ano do Curso de Medicina do Centro Universitário de Maringá – UniCesumar; 2. Especialista em Ginecologia e Obstetrícia com Medicina Fetal pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), Ginecologia Minimamente Invasiva pelo Hospital Sírío Libanês, Mestrando em Promoção à Saúde pelo Centro Universitário de Maringá – UniCesumar.

* Rua Fluminense, 2157, Bloco A, ap. 301 – Edifício Marapendi, Vila Marumby. Maringá, Paraná, Brasil. CEP: 87005-200. alison.pcamargo@gmail.com

Recebido em 31/07/2015. Aceito para publicação em 10/08/2015

RESUMO

Há áreas da medicina em que os profissionais frequentemente lidam com pacientes terminais, tendo esses uma maior aproximação com o processo de morrer, porém estes mesmos profissionais apresentam grande dificuldade para tratar do tema, podendo ser explicado pela ausência em se abordar os processos de morte e morrer durante a formação médica. Diante disso, é oportuno levantar a questão de como o modelo de educação médica contribui no preparo dos graduandos frente ao processo de morte e morrer. Este presente estudo trata-se de uma revisão da literatura, com o objetivo de discutir sobre o tema. Foram realizadas buscas nas bases de dados Lilacs, Ibesc, Medline e Scielo, utilizando-se os descritores educação médica, morte, medicina paliativa, doente terminal e estudantes de medicina. Conclui-se que a formação médica pouco contribui na preparação dos estudantes para lidarem com situações que envolvam o enfrentamento do processo de morte. Entre as disciplinas existentes, como a psicologia médica, a tanatologia e os cuidados paliativos, há uma escassa abordagem de discussões acerca da morte e do morrer, que mesmo quando presentes apresentam a temática de forma superficial e teórica, pouco se valendo no contexto da prática médica.

PALAVRAS-CHAVE: Atitude frente à morte, cuidado paliativo, educação médica, estudantes de medicina, morte.

ABSTRACT

There are areas of medicine where professionals frequently deals with terminally ill patients, being closer to the to the dying process, however these same professionals presents major difficulty for dealing with the issue, which may be ex-

plained by the absence of approaching the processes of death and dying in medical training. Therefore, it is appropriate to raise the question of how the medical education model helps in the preparation of the students against the process of death and dying. This present study is a literature review with the objective of discussing the topic. Searches were performed in the databases Lilacs, Ibesc, Medline and Scielo, using the keywords medical education, death, palliative medicine, terminally ill and medical students. It was concluded that medical training contributes little to prepare students for dealing with situations that involve facing death process. Among existing disciplines such as medical psychology, thanatology and palliative care, there is a scarce approach of discussions about death and dying, that even when present, presents the issue in a superficial and theoretical form, having little worth in the context of medical practice.

KEYWORDS: Attitude to death, palliative care, medical education, medical students, death.

1. INTRODUÇÃO

A morte é atribuída a inúmeros significados simbólicos quando vista no contexto cultural e temporal de uma sociedade, sendo ela parte do processo de desenvolvimento humano, estando presente no cotidiano (COMBINATO; QUEIROZ, 2006). A morte é parte da existência humana, razão pela qual a medicina trabalha com esse evento como uma parte inerente da profissão, mas quando se é analisada dentro do atual contexto dos avanços nos medicamentos e técnicas cirúrgicas, surge à crença de que se as doenças que levam à morte podem ser curadas, é possível que com o tempo se consiga a cura para todas e a morte deixe de existir. Assim, a morte passa

a ser entendida como falha da medicina, vista como um erro ou um insucesso de um tratamento, e não como parte integrante da vida, o que gera ansiedade e cobrança por parte da população e dos próprios médicos (PAZIN-FILHO, 2005).

Dessa maneira surge essa falsa premissa de que a morte de um paciente deve ser sempre combatida no meio médico, o que pode ser notado quando o profissional afirma ter “perdido o paciente”, o que pode ser entendido como a morte sendo um adversário que deve ser combatido sempre que possível (FIGUEIREDO; STANO, 2013).

Há áreas da medicina em que os profissionais frequentemente lidam com pacientes terminais, tendo esses uma maior aproximação com o processo de morrer, porém estes mesmos profissionais apresentam grande dificuldade para tratar do tema. Essa dificuldade é também estendida aos estudantes de medicina, sendo até maior quando comparada aos médicos, o que dá indícios da falta de discussão sobre o tema nas escolas médicas (VIANNA; PICCELLI, 1998).

A graduação em medicina é regulamentada pelas Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina (BRASIL, 2014), que estabelecem os princípios, os fundamentos e as finalidades da formação em Medicina. Em sua mais recente atualização, realizada no ano de 2014, é presente no capítulo 3 (dos conteúdos curriculares e do projeto pedagógico do curso de graduação em medicina), artigo 23, parágrafo VI: “A promoção da saúde e compreensão dos processos fisiológicos dos seres humanos (gestação, nascimento, crescimento e desenvolvimento, envelhecimento e morte) [...]” (BRASIL, 2014). Conclui-se com isso, que a concepção da morte faz parte da educação médica, entretanto poucas são as escolas médicas que dispõe de disciplinas orientadas especificamente sobre a compreensão da morte (SADALA; SILVA, 2008; BIFULCO; IOCHIDA, 2009), acarretando no despreparo dos alunos, como também dos médicos, nas situações que envolvam lidar com a morte (SADALA; SILVA, 2008; MARTA *et al.*, 2009; ALBERTONI *et al.*, 2013).

Com isso, cria-se uma lacuna de conhecimentos na formação médica, que pode ser observada na vulnerabilidade emocional, dificuldades de comunicação e despreparo dos alunos ao se defrontarem com essas situações, o que se torna prejudicial para este futuro profissional, para o médico e para o paciente, que passa a não ter necessidades sanadas frente ao seu estado de vida (SADALA; SILVA, 2008; MARTA *et al.*, 2009).

Este trabalho visa cooperar com a discussão em torno dessa problemática, observando como a formação médica auxilia no preparo psicológico e prático do aluno frente ao processo de morte, abordando sobre o tema através de uma análise bibliográfica. Para isso foi realizado uma

busca sistemática de estudos já concluídos nas bases de dados disponíveis nos meios científicos.

A discussão dos artigos selecionados para esta revisão será estruturada na contextualização da prática médica atual frente à situações de morte, nas atitudes apresentadas pelos profissionais e estudantes quando em contato com a morte, nos aspectos subjetivos dos acadêmicos quando defrontados à morte e ao morrer e o seu preparo em enfrentar estes casos, na educação médica e a sua importância em promover o desenvolvimento dos alunos para esse tema.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo caracteriza-se como uma revisão sistemática da literatura de caráter exploratório, compreendida pela criação de protocolos de busca, análise e seleção dos trabalhos encontrados pertinentes a um assunto e concatenação desses. Logo, a revisão sistemática da literatura condensa uma grande quantidade de informações em um único estudo, tornando de fácil acesso a informação, refinando os estudos e separando os de menor rigor acadêmico dos fortemente confiáveis, além de servir de base científica para formulação de guias de condutas (PEREIRA; BACHION, 2006).

Para isso, foram-se adotadas estratégias metodológicas, preconizadas por Sampaio e Mancini, estabelecidas por: 1) Definição de uma pergunta norteadora da revisão da literatura; 2) Identificação da base de dados indexadora a ser consultada e estratégias de busca; 3) Elaboração de critérios de seleção dos artigos; 4) Condução da busca e comparação das obras entre os examinadores; 5) Aplicação dos critérios de seleção; 6) Análise crítica dos artigos incluídos na revisão; 7) Preparação do resumo crítico dos artigos e; 9) Apresentação de uma conclusão ao tema (SAMPAIO; MANCINI, 2007).

A pergunta guia desta revisão de literatura foi: Qual a contribuição do modelo de educação médica no preparo dos graduandos frente ao processo de morte e morrer?

Realizou-se a busca dos artigos em consulta às de dados Lilacs, Ibsc, Medline e Scielo. Utilizou-se os descritores: “educação médica”, “morte”, “medicina paliativa”, “doente terminal” e “estudantes de medicina”, pesquisados separadamente ou em conjunto. Todos os descritores foram inicialmente consultados ao DeCS (Descritores em Ciências da Saúde).

Os critérios de inclusão foram artigos de caráter qualitativo ou equivalente, escritos na língua portuguesa, entre os anos de 2005 a 2015, com presença de resumo e textos completos disponíveis. Os critérios de exclusão foram trabalhos publicados antes de 2005, monografias, teses, dissertações, temas fora do contexto proposto pela revisão, livros, capítulos de livros, manuais, anais de eventos, críticas e editoriais.

A busca na literatura foi realizada por dois examinadores de forma independente, por meio da

análise dos títulos e resumos dos artigos. Posteriormente os trabalhos encontrados nas buscas dos examinadores foram comparados e selecionados através de suas leituras integrais. Artigos que não eram condizentes com a temática proposta desta revisão foram retirados da seleção.

3. DESENVOLVIMENTO

Durante a busca bibliográfica para a realização desta revisão foram encontrados 17 artigos que obedeciam aos critérios de inclusão e exclusão propostos, como também se adequavam a proposta deste trabalho. A maioria dos artigos aborda os aspectos psicossociais da formação médica no contexto do enfrentamento e reflexão do processo de morte e morrer por parte dos acadêmicos de medicina. Outros artigos são mais centrados nos aspectos práticos da medicina, levantando questões sobre a relação médico-paciente perante o processo de morte, além de debaterem sobre o papel da educação médica na preparação dos alunos para enfrentar essas situações. Para a análise dos resultados, os artigos foram organizados no quadro a seguir, de acordo com ano, periódico, volume e número do periódico de publicação, título do artigo e respectivos autores.

Quadro 1: Resumo dos resultados encontrados na revisão da literatura.

Ano	Periódico	Vol (N)	Título	Autores
2014	Revista Brasileira de Educação Médica	38 (2)	Contexto de Formação e Sofrimento Psíquico de Estudantes de Medicina	Andrade <i>et al.</i>
	Arquivos de Ciências da Saúde	20(2)	Análise qualitativa do impacto da morte sobre os estudantes de medicina da faculdade de medicina de São José do Rio Preto	Albertoni <i>et al.</i>
	Revista Brasileira de Educação Médica	37 (2)	Psicanálise na Educação Médica: Subjetividades Integradas à Prática	Bertoldi, Folberg e Manfroi
2013	Revista Brasileira de Educação Médica	37 (2)	Representação Social de Morte e a Formação Médica: a Importância da UTI	Almeida e Falcão
	Ciência & Saúde Coletiva	18 (9)	Conhecimento, envolvimento e sentimentos de concluintes dos cursos de medicina, enfermagem e psicologia sobre ortotanásia	Santos, Menezes e Gradwohl
	Revista Brasileira de Medicina	68 (1)	Ambulatório Didático de Cuidados Paliativos: aprendendo com os nossos pacientes	Pinheiro, Benedetto e Blasco
2011	Revista Brasileira de Educação Médica	35 (4)	Avaliação do Desenvolvimento de Atitudes Humanísticas na Graduação Médica	Andrade <i>et al.</i>
	Revista Brasileira de Educação Médica	35 (1)	O Enfrentamento da Morte e do Morrer na Formação de Acadêmicos de Medicina	Azeredo, Rocha e Carvalho
2010	O Mundo da Saúde	34(3)	Avaliação do grau de conhecimento sobre cuidados paliativos e dor dos estudantes de medicina do quinto e sexto anos	Pinheiro

	Revista Brasileira de Educação Médica	34 (4)	O Encontro com a Morte: à Procura do Mestre Quíron na Formação Médica	Silva e Ayres
	Psicologia Argumento	28(63)	Visões de morte, ansiedade e sentido da vida: Um estudo correlacional	Aquino <i>et al.</i>
	Revista Brasileira de Educação Médica	33 (1)	A formação na graduação dos profissionais de saúde e a educação para o cuidado de pacientes fora de recursos terapêuticos de cura	Bifulco e Lochida
2009	Revista Brasileira de Educação Médica	33 (1)	Atitudes frente a aspectos relevantes da prática médica: estudo transversal randomizado com alunos de segundo e sexto anos	Mascia <i>et al.</i>
	Revista Brasileira de Educação Médica	33 (3)	Formação médica, ciência e atendimento ao paciente que morre: uma herança em questão	Falcão e Mendonça
	Revista Brasileira de Educação Médica	33 (3)	O estudante de Medicina e o médicorecém-formado frente à morte e ao morrer	Marta <i>et al.</i>
2008	Interface - Comunicação, Saúde, Educação	12 (24)	Cuidar de pacientes em fase terminal: a experiência de alunos de medicina	Sadala e Silva
2006	Revista Brasileira de Educação Médica	30 (2)	Processo de Significação de Estudantes do Curso de Medicina diante da Escolha Profissional e das Experiências Vividas no Cotidiano Acadêmico	Moreira <i>et al.</i>

Em se tratando dos aspectos psicológicos apresentados pelos estudantes de medicina durante a formação, Andrade *et al.* (2014) objetivando descrever os diversos processos psicossociais, acadêmicos, pessoais e familiares que possam interferir positiva ou negativamente sobre o sofrimento psíquico no processo de formação de estudantes de medicina, pautou sua pesquisa em uma abordagem exploratória, utilizando questionários de pesquisa que foram aplicados nos alunos da Universidade Estadual do Ceará, sendo constatado a presença de sentimentos de angústia por parte dos estudantes com as aulas práticas de anatomia, o que, para os autores, é resultado da falta de se abordar temas sobre a compreensão da morte, principalmente durante o primeiro ano de graduação, quando os alunos estão em maior contato com o cadáver.

Outro estudo, realizado por Aquino *et al.* (2010) procurou identificar as relações entre as visões de morte com o grau de ansiedade apresentado pelos participantes oriundos dos cursos de psicologia, enfermagem e medicina. Os resultados mostraram que o nível de ansiedade perante a morte não variava entre os estudantes em função do curso, além de ser constatado que essa ansiedade correlacionava-se diretamente com a concepção da morte como desconhecida, assim como também esteve associada à dor, solidão e fracasso.

Moreira *et al.* (2006), observaram em sua pesquisa as motivações e vivências cotidianas dos estudantes de medicina. Ao questionarem esses alunos sobre momentos angustiantes vividos no curso, estes relataram grande

angústia em situações de acompanhar pacientes terminais, o que os levavam a refletir sobre a própria fragilidade e finitude.

Andrade *et al.* (2011) ao analisarem a aquisição e evolução das atitudes humanísticas dos discentes da Escola Superior de Ciências da Saúde observou que a grande maioria dos alunos está satisfeita ou muito satisfeita com o curso diante das suas motivações particulares, e ao serem questionados quanto aos aspectos comunicativos da graduação, muitos atribuíam qualidades positivas aos aspectos humanísticos da relação médico-paciente. Porém, isto se inverteu quando se tratava do manejo de situações que envolvem a morte, pois grande parte dos estudantes revelou não se sentir preparada para confortar e transmitir a notícia da morte de um paciente para a família, demonstrando atitudes conflitantes ou indiferentes por parte desses alunos. No trabalho de Bertoldi, Folberg e Manfroi (2013), foi visto que essas atitudes aterrorizam os alunos e podem, em vez de transmitir e estimular a busca de conhecimentos, fazer com que jovens se endureçam, perdendo a capacidade de perceber o sujeito humano diante de si, e de perceber a si mesmos como sujeitos.

Em estudo publicado por Bifulco e Iochida (2009), profissionais integrantes de uma equipe multiprofissional de Cuidados Paliativos relataram, em sua totalidade, uma ausência da temática morte na formação acadêmica, já que esta se encontra baseada no objetivo da cura, o que torna incompleto o processo de construção de uma identidade paliativista, pois, para alguns desses mesmos profissionais, o conhecimento técnico não é condição suficiente para a construção de uma identidade profissional.

Mascia *et al.* (2009) buscando conhecer o grau de dificuldade dos alunos diante de situações associadas à morte e ao morrer, observou que dependendo da fase em que os alunos se encontram no curso, suas atitudes acerca da morte se transformam. Se nos alunos do segundo ano o posicionamento perante a morte é predominantemente negativo (opinião de 60,5% dos pesquisados), no sexto ano as atitudes se tornam mais conflitantes (opinião de 55% dos pesquisados), sendo ora positivas, ora negativas. Porém, apesar de apresentarem posicionamentos distintos sobre a experiência da morte, a maioria desses alunos, tanto do segundo como do sexto ano, relataram ter estas experiências a partir da morte de algum parente ou pessoa próxima, sendo poucos os que as tiveram com a morte de pacientes durante o curso de graduação.

Há uma concordância entre o trabalho de Mascia *et al.* (2009), que expõe sobre as transformações das atitudes perante a morte com o passar da vivência acadêmica, com o de Sadala e Silva (2008), que relata a presença de sentimentos de ansiedade nos alunos ao lembrarem de suas experiências com a morte. Entretanto, foi verificado neste mesmo estudo que o contato com essas situações acaba por diminuir o nível de angústia e ansiedade desses alu-

nos diante do paciente, ou seja, a experiência anterior do aluno muda sua forma de enfrentar a mesma situação no futuro. Ainda neste estudo, é exposto que mesmo com esse contato com o paciente terminal, esses alunos continuam a apresentar sentimento de sofrimento, sendo percebido mais como insegurança, do que dificuldade de comunicação.

Albertoni *et al.* (2013) analisaram os comportamentos dos estudantes em relação a morte. Evidenciaram que o processo de lidar com pacientes terminais é tido como difícil para os estudantes, sendo percebido que o envolvimento com a morte traz consequências na forma de viver e no futuro profissional dos participantes. Em relação ao comportamento desses acadêmicos e equipe frente à morte de um paciente, foi observado o choque e o afastamento em relação ao ocorrido, podendo ser traduzido como uma negação da existência da morte e da falibilidade da medicina pelos entrevistados.

De acordo com os entrevistados na pesquisa de Azebedo, Rocha e Carvalho (2011), a formação médica estimula o aluno a olhar objetivamente o paciente, tentando separar qualquer possível relação que se forme tanto entre o paciente e o médico, como médico e o paciente. Com isso, não ocorre o encorajamento do aluno em desenvolver a habilidade de se relacionar com o processo de morte do paciente, sendo também essa habilidade não reconhecida como uma competência na formação médica. Os alunos também discutem sobre qual seria a melhor maneira de ser abordado o tema academicamente, ao referirem que a inserção de uma disciplina teórica sobre o assunto pouco se valeria no momento da prática.

Silva e Ayres (2010) relatam que as experiências de ensino-aprendizagem em relação a lidar com o paciente perante a morte são bastante escassas, sendo identificado no estudo que não só o tema morte é evitado ou pouco abordado, como também a experiência do estudante com a morte de um paciente, que quando acontece na graduação, ocorre nos últimos anos do curso ou é presenciada de forma acidental. Neste mesmo estudo foi mencionada a abordagem do tema na disciplina de psicologia médica, que de certa forma e relatada como sendo muito superficial e pouco pontual ao discutir a relação médico-paciente perante a morte. A sugestão dada pelos alunos pesquisados foi a construção de uma disciplina ou projeto de extensão que trabalhasse com a relação do médico com a morte.

Ao questionar sobre o preparo teórico, prático e individual do lidar com a morte durante a graduação médica, o estudo de Marta *et al.* (2009) mostrou que no que concerne ao preparo pessoal para lidar com a morte e o processo do morrer, 54% dos graduandos respondentes da pesquisa se julgaram aptos a enfrentar a circunstância e 46% disseram que provavelmente ou certamente não estão preparados para a situação. Foi também identificado que no ambiente domiciliar, a maioria dos graduandos

declarou que pouco frequentemente, raramente ou nunca conversa com seus familiares sobre a morte e as decisões diante do morrer. Em relação ao preparo teórico, prático e individual para lidar com a morte durante a graduação, os pesquisados apontaram a presença de possíveis falhas curriculares na formação médica, como a falta de debates, de preparo prático, de vivência com pacientes terminais, de disciplinas específicas, da psicologia médica, do acompanhamento psicológico dos alunos e o fato de a formação do médico estar voltada para salvar vidas, o leva os estudantes a apresentarem conhecimentos insuficientes nesse tema.

Falcão e Mendonça (2009) ao estudarem médicos docentes sobre quais representações teriam da morte, qual a assistência que oferecem a seus pacientes e quais os saberes desse grupo, observaram que 40% destes acreditam que os estudantes são jovens, inexperientes e despreparados emocionalmente para refletir sobre o processo de morte ou morrer. De acordo com 29% dos entrevistados a formação oferecida aos estudantes é muito influenciada pela biomedicina e desconsidera a dimensão psicossocial do paciente, ou seja, na visão desses pesquisados, os alunos são treinados num modelo de medicina técnica, não se dão conta de que estão lidando com pessoas que têm uma vida de relação social, uma família, sentimentos e desejos próprios que precisam ser valorizados e respeitados. Ainda nessa pesquisa, 21% afirmam que os estudantes parecem acreditar que a morte é para ser sempre vencida pelos médicos, pois, nas palavras desses docentes, devido à disponibilidade de recursos médicos, os alunos acham que se pode tudo na medicina, o que se traduz nas agressivas intervenções clínicas desnecessárias para alguns pacientes.

Em relação às áreas da medicina específicas em cuidar de pacientes terminais, Pinheiro (2010) com o objetivo de avaliar o grau de conhecimento sobre a dor e cuidados paliativos em estudantes de medicina do quinto e sexto anos do estado de São Paulo, constatou que 61% dos alunos não conheciam a definição de Cuidados Paliativos da Organização Mundial de Saúde e 83% afirmaram não terem recebido informação suficiente sobre o cuidado de pacientes em situação terminal. No que tange os aspectos comunicativos e de postura médica para “dar más notícias” aos pacientes e familiares, 63% dos pesquisados afirmou não terem aprendido essas habilidades durante a graduação, o que explica o desconforto na prática desses alunos em comunicar más notícias aos pacientes e familiares.

Pinheiro, Benedetto e Blasco (2011) durante a realização do seu trabalho, que visava observar e participar das rotinas de um ambulatório didático de cuidados paliativos observaram mudanças significativas no espectro comportamental e psicológico de residentes e estudantes que faziam parte do programa. No início dos trabalhos os residentes, ao entrarem em contato com pacientes ter-

minais ou familiares, expressavam o desejo de se manterem afastados dessas situações, o que denotam a referida falta de preparo para a abordagem dos pacientes terminais. Com o passar do tempo, esses mesmos profissionais, ao adquirirem maior experiência em relacionarem-se com os pacientes terminais e seus familiares, desenvolviam melhores atitudes profissionais para lidar com esses casos, sendo que ao se sentirem mais confortáveis em trabalhar com Cuidados Paliativos, melhoravam também suas performances em outras áreas da medicina menos complexas.

Com o objetivo de identificar o conhecimento sobre a ortotanásia dos concluintes dos cursos de medicina, enfermagem e psicologia de uma universidade, Santos, Menezes e Gradwohl (2013) perceberam que embora os acadêmicos de medicina soubessem definir do que se tratava a ortotanásia, nenhum citou ou associou esta prática com cuidados paliativos, configurando desconhecimento conceitual deste último termo. Ao serem questionados sobre os sentimentos vivenciados frente à temática morte, os estudantes de medicina e enfermagem que já tinham passado por tal situação, relatavam ter dificuldade em lidar com esta experiência.

Almeida e Falcão (2013) questionaram médicos intensivistas sobre a representação social perante a morte. Entre as indagações a esse grupo, foi questionado sobre o que seria necessário, em termos educacionais, para a melhoria do atendimento ao paciente com risco de vida. As soluções descritas para essa questão incluíam a inclusão da obrigatoriedade do ensino da matéria de Terapia Intensiva aliada à prática em Unidades de Terapia Intensiva, a realização de discussões acadêmicas sobre a morte e o processo de morrer (inclusão da disciplina de tanatologia) e a importância da valorização da relação médico-paciente para os estudantes.

4. DISCUSSÃO

A O objetivo desta revisão bibliográfica foi observar como a formação médica auxilia no preparo psicológico e prático do aluno frente à situações de morte. Acredita-se que este objetivo foi alcançado ao serem analisados os resultados apresentados pela literatura. Entretanto, devido à natureza subjetiva de alguns dos trabalhos, o contexto em que foram realizados, a falta de um maior número de pesquisas acerca do tema e a relativa ausência curricular de disciplinas que abordem os aspectos psicológicos, sociais e práticos da medicina sobre o processo de morte e morrer, que poderia estabelecer um importante parâmetro comparativo entre os trabalhos, constitui limitações consideráveis nesta revisão.

A relação médico-paciente, princípio inerente ao exercício da medicina, apresenta características peculiares quando no contexto em que a morte está presente. Primeiramente, deve-se observar o cenário atual à que a medicina se apresenta, conduzido por inúmeros avanços

técnicos e científicos, tornando notável a influência predominante da biomedicina sobre essa ciência, que em parte se distancia das dimensões psicossociais ao deixar de tratar o paciente como um todo (FALCÃO; MENDONÇA, 2009).

Esta percepção à que os profissionais e, eventualmente, os acadêmicos são expostos, cria a idéia de uma medicina mecanicista, em que as doenças assumem o objetivo dos cuidados médicos, logo, não há espaço para a aceitação da morte, e quando esta ocorre, surge os comportamentos de choque e afastamento em relação ao ocorrido, podendo ser traduzidos como uma negação da existência da morte e da falibilidade da medicina. Por conseqüência, o processo de lidar com pacientes terminais se torna difícil na medida em que a morte deixa de ser considerada um acontecimento natural (FALCÃO; MENDONÇA, 2009; ALBERTONI *et al.*, 2013; SANTOS; MENEZES, 2013).

O distanciamento em relação ao paciente e a negação da existência da morte ainda que resultem de um despreparo no exercício da profissão, refletem também aspectos psicológicos daqueles que vivenciaram experiências com a morte. Para tanto, poucos são os estudantes que se julgam aptos a enfrentarem o processo de morte ao se relacionarem com o paciente ou família (MARTA *et al.*, 2009; ANDRADE *et al.*, 2011).

É da essência da morte ser intrigante, rodeada por muitos questionamentos e poucas afirmações. É a partir dessas características que surgem os sentimentos de angústia, ansiedade, medo, solidão e fracasso que são relatados pelos estudantes. É difícil afirmar que esses sentimentos podem deixar de existir ou pelo menos serem atenuados com um constante envolvimento com a morte, seja ao entrar em contato com pacientes terminais ou com cadáveres durante as aulas de anatomia, devido à característica da morte em estimular reflexões sobre própria fragilidade e finitude naqueles que a observam (MOREIRA *et al.*, 2006; SADALA; SILVA, 2008; AQUINO *et al.*, 2010; ANDRADE *et al.*, 2014).

Há uma característica interessante ao se analisar as respostas sentimentais desse grupo frente a situações de morte. Enquanto em nenhum estudo é relatado sentimentos essencialmente positivos, a angústia e ansiedade, que estão sempre presentes, passam a diminuir com o passar de uma maior convivência com essas situações em comparação com experiências anteriores (SADALA; SILVA, 2008). Nesse aspecto, o contato com a morte aparenta ser benéfico ao ajudar os alunos a melhor compreenderem os aspectos dessa e se prepararem para quando se defrontarem com esses casos. Entretanto poucas são as ocasiões em que os alunos conseguem ter experiências de finitude da vida com pacientes durante a graduação (MASCIA *et al.*, 2009).

Essa transformação da expressão dos sentimentos dos alunos frente à morte também foi relacionado com o

tempo de curso no estudo de Mascia *et al.* (2008), sendo mais negativo nas séries iniciais e mais conflitantes ao final do curso de medicina. Isto evidencia que intencionalmente ou não, a graduação médica promove modificações humanísticas nos estudantes, mas a forma como ocorre não é definida.

A forma como as atitudes dos alunos frente a morte passam a se transformar com o decorrer do tempo de formação é desconhecida, podendo ser explicada pela ausência da temática morte na formação médica, visto que o tema chega a ser evitado ou superficialmente abordado nas disciplinas presentes no curso e o contato dos alunos com a morte de pacientes, que quase sempre ocorre de maneira acidental (BIFULCO; IOCHIDA, 2009; SILVA; AYRES, 2010).

Em alguns estudos são descritas a presença de disciplinas que abordam a temática da morte, como a psicologia médica, a tanatologia e a medicina paliativa. Entretanto, as mesmas, na forma como são abordadas, pouco contribuem para uma formação adequada desses alunos (SILVA; AYRES, 2010; PINHEIRO; BENEDETTO; BLASCO, 2011; ALMEIDA; FALCÃO, 2013).

Tratando-se da disciplina de psicologia médica, ela é pouco pontual nos aspectos práticos da relação médico paciente perante a morte, permeando muitas vezes somente o aspecto teórico (SILVA; AYRES, 2010). O mesmo ocorre ao se analisar os aspectos de ensino-aprendizagem de cuidados paliativos, que raramente é encontrada presente nos cursos de graduação. O resultado disso pode ser constatado no trabalho de Pinheiro (2010), em que 61% dos alunos não conhecem a definição de Cuidados Paliativos da Organização Mundial de Saúde e 83% afirmaram não terem recebido informação suficiente sobre o cuidado de pacientes em situação terminal.

O ensino de cuidados paliativos demonstra ser pontual no aspecto de instruir os alunos sobre as práticas de relacionamento com pacientes terminais e por conseqüência uma melhor vivência destes com a temática. Os aspectos comunicativos, de postura médica ao se dar “más notícias” aos pacientes e familiares, comportamentais e humanísticos ao se enfrentar essas situações, são algumas das habilidades trabalhadas pelos estudantes durante a disciplina (PINHEIRO, 2010; PINHEIRO; BENEDETTO; BLASCO, 2011).

Logo, o ensino de cuidados paliativos na graduação demonstra ser vantajoso para os alunos, mas devido a medicina atual ser aparentemente mais determinada ao objetivo de se alcançar a cura, a construção de uma identidade paliativista nos alunos se torna difícil, o que é desanimador, pois aqueles que tiveram contato com essa área, além de se sentirem mais confortáveis em trabalhar com pacientes terminais, também relataram melhorias nas suas performances em outras áreas da medicina menos complexas (BIFULCO; IOCHIDA, 2009; PINHEIRO; BENEDETTO; BLASCO, 2011).

O processo de lidar com a morte necessita de abordagens específicas em termos educacionais, não sendo reconhecido ainda qual seria a melhor forma de se abordar essa temática no contexto acadêmico da formação médica. O mais próximo do que se tem nos dias de hoje são disciplinas que focam indiretamente sobre a temática de modo teórico, o que para os alunos pouco se vale no momento da prática (AZEREDO; ROCHA; CARVALHO, 2011).

Torna-se inexistente, então, o estímulo do aluno para que este seja encorajado à desenvolver habilidades para se relacionar com o processo de morte, sendo estas não reconhecidas como uma competência na formação médica, o que demonstra várias falhas curriculares na formação médica, como a falta de debates, de preparo prático, de vivência com pacientes terminais, de disciplinas específicas, da psicologia médica, do acompanhamento psicológico dos alunos e o fato de a formação do médico estar voltada para salvar vidas, o que leva os estudantes a apresentarem conhecimentos insuficientes nesse tema (MARTA *et al.*, 2009; AZEREDO; ROCHA; CARVALHO, 2011). Para Almeida e Falcão (2013) essas questões são necessárias durante a formação, sendo importante para a melhoria do atendimento ao paciente com risco de vida, a construção de conhecimentos sobre a morte e o processo de morrer ou a valorização da relação médico-paciente para os estudantes.

A relação médico-paciente carrega implícitos aspectos humanísticos, que felizmente são assimilados positivamente pelos estudantes, porém a formação médica estimula o aluno a olhar objetivamente o paciente, tentando separar qualquer possível relação que se forme tanto entre o paciente e o médico, como médico e o paciente (ANDRADE *et al.*, 2011; AZEREDO; ROCHA; CARVALHO, 2011). Ainda que seja receoso trazer discussões, conhecimentos e vivências em torno da morte para dentro do contexto educativo, isto se torna necessário, pois ela está presente no cotidiano prático da medicina, sendo que por mais doloroso que seja enfrentar esse tema, a ausência do mesmo faz com que esses jovens estudantes se endureçam, perdendo a capacidade de perceber o sujeito humano diante de si, e de perceber a si mesmos como sujeitos (BERTOLDI; FOLBERG; MANFROI, 2013).

5. CONCLUSÃO

A formação médica pouco contribui na preparação dos estudantes para lidarem com situações que envolvam o enfrentamento do processo de morte. Entre as disciplinas existentes, como a psicologia médica, a tanatologia e os cuidados paliativos, há uma escassa abordagem de discussões acerca da morte e do morrer, que mesmo quando presentes apresentam a temática de forma superficial e teórica, pouco se valendo no contexto da prática médica.

As influências das ciências biomédicas fazem com que o objetivo da atenção médica seja a cura dos pacientes, distanciando-a das dimensões psicossociais e tornando a relação médico-paciente conflituosa. Logo, não há espaço para a morte na prática médica, sendo esta tratada como inexistente ou uma falha dos cuidados médicos. Todos esses fatores contribuem para a afirmação de que o processo de lidar com pacientes terminais é difícil, o que resulta no afastamento do paciente e negação da existência da morte.

O contato com a morte promove reflexões sobre própria fragilidade e finitude, além de estimular a expressão das mais variadas atitudes emocionais, naqueles que a observam. Entre os sentimentos observados nos alunos ao se depararem com essas situações estão a angústia, ansiedade, medo, solidão e fracasso.

Esses sentimentos, por vezes, são trabalhados durante a formação médica, mas a forma como ocorre não é demonstrada. É possível que essa formação promova modificações humanísticas nos alunos, porém não se pode dizer que elas ocorram em sua total plenitude, já que poucos serão os estudantes que terão a oportunidade de se depararem com essas situações durante a graduação. Torna-se, então, imprescindível que o ensino da morte e do morrer e todos os seus aspectos biopsicossociais sejam discutidos durante a graduação médica de forma que além de propiciar o conhecimento teórico sobre o tema, ajude os alunos a melhor se preparar para serem confrontados com essas situações durante os períodos de prática, seja na graduação ou quando se tornarem profissionais.

Recomenda-se que sejam realizadas maiores pesquisas em torno dessa temática, contribuindo para melhores análises desse grupo, bem como destacar possíveis resoluções para os problemas presentes, estimulando crescentes melhorias na formação médica vigente.

REFERÊNCIAS

- [01] ALBERTONI, L.I. *et al.* Análise qualitativa do impacto da morte sobre os estudantes de medicina da faculdade de medicina de São José do Rio Preto. *Arq Ciênc Saúde*, São José do Rio Preto, v. 20, n. 2, p.49-52, abr./jun. 2013. Disponível em: <http://repositorio-racs.famerp.br/racs_ol/vol-20-2/ID_529_abr-jun_2013.pdf>. Acesso em: 1 jul. 2015.
- [02] ALMEIDA, L.F.; FALCÃO, E.B.M. Representação social de morte e a formação médica: a importância da U-TI. *Rev. Bras. Educ. Med.*, Rio de Janeiro, v. 37, n. 2, p.226-234, abr./jun. 2013.
- [03] ANDRADE, J.B.C. *et al.* Contexto de formação e sofrimento psíquico de estudantes de medicina. *Rev. Bras.*

- Educ. Med., Rio de Janeiro, v. 38, n. 2, p.231-242, abr./jun. 2014.
- [04] ANDRADE, S.C.*et al.* Avaliação do desenvolvimento de atitudes humanísticas na graduação médica. Rev. Bras. Educ. Med., Rio de Janeiro, v. 35, n. 4, p.517-525, out./dez. 2011.
- [05] AQUINO, T.A.A. *et al.* Visões de morte, ansiedade e sentido da vida: um estudo correlacional. Psicol. Argum., Curitiba, v. 28, n. 63, p. 289-302, out./dez. 2010.
- [06] AZEREDO, N.S.G.; ROCHA, C.F.; CARVALHO, P.R.A. O enfrentamento da morte e do morrer na formação de acadêmicos de medicina. Rev. Bras. Educ. Med., Rio de Janeiro, v. 35, n. 1, p.37-43, jan./mar.2011.
- [07] BERTOLDI, S.G.; FOLBERG, M.N.; MANFROI, W.C. Psicanálise na educação médica: subjetividades integradas à prática. Rev. Bras. Educ. Med., Rio de Janeiro, v. 37, n. 2, p.202-209, abr./jun. 2013.
- [08] BIFULCO, V.A.; IOCHIDA, L.C. A formação na graduação dos profissionais de saúde e a educação para o cuidado de pacientes fora de recursos terapêuticos de cura. Rev. Bras. Educ. Med., Rio de Janeiro, v. 33, n. 1, p.92-100, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbem/v33n1/13.pdf>>. Acesso em: 1 jul. 2015.
- [09] BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES nº 3, de 20 de junho de 2014. Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina e dá outras providências. Brasília, DF: CNE, 2014.
- [10] COMBINATO, D.S.; QUEIROZ, M.S. Morte: uma visão psicossocial. Estud. Psicol. (Natal), Natal, v. 11, n. 2, p.209-216, maio/ago 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v11n2/a10v11n2.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2015.
- [11] FALCÃO, E.B.M.; Mendonça, S.B. Formação médica, ciência e atendimento ao paciente que morre: uma herança em questão. Rev. Bras. Educ. Med., Rio de Janeiro, v. 33, n. 3, p.364-373, jul./set. 2009.
- [12] FIGUEIREDO, M.G.M.C.A.; STANO, R.C.M.T. O estudo da morte e dos cuidados paliativos: uma experiência didática no currículo de Medicina. Rev. Bras. Educ. Med., Rio de Janeiro, v. 37, n. 2, p.298-307, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbem/v37n2/19.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2015.
- [13] MARTA, G.N.*et al.* O estudante de medicina e o médico recém-formado frente à morte e ao morrer. Rev. Bras. Educ. Med., Rio de Janeiro, v. 33, n. 3, p.416-427, jul./set. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbem/v33n3/11.pdf>>. Acesso em: 1 jul. 2015.
- [14] MASCIA, A.R.*et al.* Atitudes frente a aspectos relevantes da prática médica: estudo transversal randomizado com alunos de segundo e sexto anos. Rev. Bras. Educ. Med., Rio de Janeiro, v. 33, n. 1, p.40-48, jan./mar. 2009.
- [15] MOREIRA, S.N.T. *et al.* Processo de significação de estudantes do curso de medicina diante da escolha profissional e das experiências vividas no cotidiano acadêmico. Rev. Bras. Educ. Med., Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p.14-19, 2006.
- [16] PAZIN-FILHO, A. Morte: considerações para a prática clínica. Medicina (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, v. 38, n. 1, p.20-25, 2005. Disponível em: <http://revista.fmrp.usp.br/2005/vol38n1/2_morte_consideracoes_pratica_medica.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2015.
- [17] PEREIRA, Â.L.; BACHION, M.M. Atualidades em revisão sistemática de literatura, critérios de força e grau de recomendação de evidência. Rev. Gaúcha Enferm., Porto Alegre, v. 27, n. 4, p. 491-498, dez. 2006.
- [18] PINHEIRO, T.R.S.P. Avaliação do grau de conhecimento sobre cuidados paliativos e dor dos estudantes de medicina do quinto e sexto anos. O Mundo da Saúde, São Paulo, v. 34, n. 3, p.320-326, 2010.
- [19] PINHEIRO, T.R.S.P.; BENEDETTO, M.A.C.; BLASCO, P.G. Ambulatório didático de cuidados paliativos: aprendendo com os nossos pacientes. Revista Brasileira de Medicina, Rio de Janeiro, v. 68, n.1, p.19-25, 2011.
- [20] SADALA, M.L.A.; SILVA, M.P. Cuidar de pacientes em fase terminal:a experiência de alunos de medicina. Interface - Comunic., Saúde, Educ., Botucatu, v.12, n.24, p.7-21, jan./mar.2008.
- [21] SAMPAIO, R. F.; MANCINI, M. C. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. Rev. bras. fisioter., São Carlos, v. 11, n. 1, p. 83-89, jan./fev.2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbfis/v11n1/12.pdf>>. Acesso em: 2 jul. 2015.
- [22] SANTOS, L.R.G.; MENEZES, M.P.; GRADVOHL, S.M.O. Conhecimento, envolvimento e sentimentos de concluintes dos cursos de medicina, enfermagem e psicologia sobre ortotanásia. Ciênc. saúde colet., Rio de Janeiro, v. 18, n. 9, p.2645-2651, set. 2013.
- [23] SILVA, G.S.N.; AYRES, J.R.C.M. O encontro com a morte: à procura do mestre Quíron na formação médica. Rev. Bras. Educ. Med., Rio de Janeiro, v. 34, n. 4, p.487-496, out./dez. 2010.
- [24] VIANNA, A.; PICCELLI, H. O estudante, o médico e o professor de medicina perante a morte e o paciente terminal. Rev. Assoc. Med. Bras., São Paulo, v. 44, n. 1, p.21-27, Jan./Mar. 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ramb/v44n1/2004.pdf>>. Acesso em: 24 jul. 2015.